

A Paixão: Betânia, Ceia e Getsêmani

“Aba, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.” — Marcos 14.36 · NAA (NAA)

Bispo Ildo Mello Leitura prévia: Mc 14; Jr 31.31-34; Sl 113–118

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

Marcos 14 é o capítulo mais longo do livro: uma noite em que o amor extravagante, a traição, a aliança e a fraqueza humana se cruzam à mesa e no jardim.

O que vale um perfume de um ano de salário?

Uns chamaram de desperdício; Jesus chamou de “boa obra” e a eternizou.

O que Jesus fez do pão e do cálice?

Na última Páscoa, ele instituiu a memória central da igreja — e selou a nova aliança.

Como cai um discípulo sincero?

Pedro amava a Jesus e o negou três vezes na mesma noite. O caminho da queda tem etapas visíveis.

MC 14.1-11

Betânia: a mulher que entendeu primeiro

Enquanto os sacerdotes tramavam e Judas negociava, uma mulher quebrou um vaso de alabastro.

Faltavam dois dias para a Páscoa, e os chefes dos sacerdotes procuravam prender e matar Jesus (Mc 14.1-2). É neste cenário de conspiração que Marcos encaixa a cena de Betânia: na casa de Simão, o leproso, uma mulher — João a identifica como Maria de Betânia (Jo 12.3) — quebra um vaso de alabastro com nardo puro, caríssimo, mais de trezentos denários (um ano de salário), e o derrama sobre a cabeça de Jesus (Mc 14.3-5). Alguns se indignam: “Para que este desperdício?” — o dinheiro podia ir aos pobres. E Jesus a defende com uma das mais belas sentenças dos Evangelhos: “Deixem-na. Por que vocês a estão incomodando? Ela praticou uma boa ação para comigo... Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura” (Mc 14.6-8).

Repare no que isto significa: os Doze ouviram três anúncios claros da morte de Jesus e seguiram discutindo tronos; esta mulher entendeu — e agiu. Ela discerniu, antes dos apóstolos, que o Mestre ia morrer, e derramou sobre ele, em vida, a honra que os corpos recebem depois. Por isso Jesus a eterniza: “Em verdade lhes digo: onde for pregado o evangelho, no mundo inteiro, será também contado o que esta mulher fez, para memória dela” (Mc 14.9). Mais uma vez no Evangelho de Marcos, uma mulher enxerga o que os videntes não viram. E Marcos fecha o quadro com o contraste mais amargo do livro: dali, Judas Iscariotes, um dos Doze, foi vender Jesus por dinheiro (Mc 14.10-11). Ela quebrou o vaso por amor; ele quebrou a lealdade por prata.

MC 14.12-31

A Ceia: o sangue da nova aliança

Na noite da Páscoa, o Cordeiro presidiu a mesa — e deu à refeição o seu sentido final.

Enquanto comiam, Jesus anuncia: “um de vocês, que come comigo, vai me trair” (Mc 14.18) — e cada um, entristecido, pergunta: “Será que sou eu?” (Mc 14.19). Que pergunta saudável: nenhum apontou o vizinho; cada um suspeitou de si. Então Jesus toma o pão, abençoa, parte e dá — os quatro verbos das multiplicações (Mc 6.41; 8.6) — dizendo: “Tomem, isto é o meu corpo”. E, com o cálice: “Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos” (Mc 14.22-24).

“Nova aliança” não é expressão solta: é a promessa de Jeremias — “farei nova aliança... porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração... perdoarei a sua iniquidade e nunca mais me lembrarei do seu pecado” (Jr 31.31-34). O que os sacrifícios repetidos figuravam, o sangue do Servo realiza de uma vez (Is 53.11-12; Hb 9.11-15). E há promessa de futuro na mesa: “não berei mais do fruto da videira, até aquele dia em que o beber, novo, no Reino de Deus” (Mc 14.25) — cada Ceia olha para trás, para a cruz, e para a frente, para o banquete do Reino (Ap 19.9). Saindo, cantado o hino (o Hallel, Sl 113–118), Jesus adverte: “Todos vocês ficarão escandalizados” — e a Pedro, que jurava fidelidade até a morte, anuncia as três negações antes do segundo canto do galo (Mc 14.26-31).

MC 14.32-52

Getsêmani: o cálice e o “Aba, Pai”

O lugar chamado “prensa de azeite” viu o Filho ser prensado — e escolher a vontade do Pai.

Jesus toma Pedro, Tiago e João — as testemunhas da glória no monte (Mc 9.2) agora convocadas para a angústia no jardim — e começa “a sentir-se tomado de pavor e de angústia”: “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mc 14.33-34). Não é encenação: o Filho encarnado, diante do cálice do juízo (Sl 75.8; Is 51.17), sente o peso real do que vai beber. E então ora a oração que sustenta a fé cristã: “Aba, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres” (Mc 14.36). “Aba” — o tratamento íntimo de filho, que pelo Espírito se tornou também nosso (Rm 8.15; Gl 4.6). A oração não foi atendida na primeira metade (o cálice não passou) e foi plenamente atendida na segunda (a vontade do Pai se fez) — e é assim que o Pai, muitas vezes, atende também os seus.

Três vezes Jesus volta e encontra os três dormindo — os mesmos que prometeram morrer com ele. “Vigiem e orem, para que vocês não entrem em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mc 14.38). A ordem do sermão profético (“vigiai”, Mc 13.37) falha no seu primeiro teste prático: quem não vigia com Cristo uma hora, não resiste por Cristo uma noite. Chega Judas com a turba; o beijo combina intimidade e traição; um discípulo saca a espada; “então todos o abandonaram e fugiram” (Mc 14.50) — e Marcos registra o jovem que fugiu nu, largando o lençol (Mc 14.51-52), memória possivelmente autobiográfica: até o narrador fugiu.

MC 14.53-72

Dois julgamentos: o Sinédrio e o pátio

Enquanto Jesus confessa a verdade diante dos juízes, Pedro nega a verdade diante de uma empregada.

No Sinédrio, testemunhas falsas se contradizem, e Jesus permanece calado (Is 53.7) — até que o sumo sacerdote pergunta diretamente: “Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” E o silêncio se rompe com a resposta mais alta do livro: “EU SOU, e vocês verão o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso, vindo com as nuvens do céu” (Mc 14.61-62) — Salmo 110 e Daniel 7 reunidos na boca do réu. Por essa confissão o condenam por blasfêmia: Jesus não morreu por mal-entendido; morreu por afirmar, sob juramento, quem ele é.

Lá embaixo, no pátio, o outro julgamento: uma empregada reconhece Pedro — “Você também estava com Jesus, o Nazareno” — e o discípulo que sacou espada diante de soldados desmorona diante de uma pergunta. Nega uma, duas, três vezes, a última com imprecações e juramento: “Não conheço esse homem” (Mc 14.66-71). E o galo cantou pela segunda vez. Pedro lembrou-se da palavra de Jesus “e, pensando nisso, começou a chorar” (Mc 14.72). O caminho da queda ficou mapeado para nosso aviso: autoconfiança (“eu jamais”, Mc 14.29), sono na hora da oração (Mc 14.37), seguir “de longe” (Mc 14.54), aquecer-se ao fogo dos que prendem o Mestre — e a queda. Mas guarde este nome para a Aula 12: o Ressuscitado mandará um recado com endereço — “avisem aos discípulos dele e a Pedro” (Mc 16.7). A história do galo não termina no choro; termina na restauração (Jo 21.15-17).

Síntese da aula: na noite mais escura, cada personagem revela seu coração: a mulher dá o mais caro que tem; Judas vende o mais precioso que há; os discípulos dormem, fogem e negam; e Jesus — só ele — vigia, ora, confessa e obedece até o fim. A nova aliança não foi selada pela fidelidade dos discípulos, mas pelo sangue do Fiel (2Tm 2.13).

Citações bíblicas: Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo indicação em contrário. Curso completo, com avaliação interativa e cartões de memorização, em metodistalivre.org.br/licoes